

**BARIANI ORTÊNCIO**

*Ilustrações*

Filipe Rocha



1ª edição

Conforme a nova ortografia



*Editor*: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

*Assistente editorial e*

*preparação de texto*: KANDY SGARBI SARAIVA

*Auxiliar de serviços editoriais*: ANDREIA PEREIRA

*Suplemento de trabalho*: ROSANE PAMPLONA

*Revisão*: PEDRO CUNHA JR. E LILIAN SIMENICHIN  
(coords.)

*Gerência de arte*: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

*Supervisão de arte*: VAGNER CASTRO DOS SANTOS

*Projeto gráfico e diagramação*: GISLAINE RIBEIRO

*Capa*: ALEXANDRE RAMPAZO com ilustração de  
FILIPE ROCHA

*Ilustrações*: FILIPE ROCHA

*Produtor gráfico*: ROGÉRIO STRELICIUC

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Ortêncio, Bariani

Ingênuo? Nem tanto... — Bariani Ortêncio ; ilustrações  
de Filipe Rocha. — São Paulo : Saraiva, 2007. — (Coleção  
Jabuti)

ISBN 978-85-02-06696-0

1. Contos — Literatura infantojuvenil I. Rocha, Filipe. II.  
Título. III. Série.

07-7492

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Contos: Literatura infantil 028.5



---

Direitos reservados à  
SARAIVA Educação S.A.  
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP  
[www.editorasaraiva.com.br](http://www.editorasaraiva.com.br)

Tel.: (0xx11) 4003-3061  
[atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

---

CL: 810112  
CAE: 603356

7ª tiragem, 2018

# | SUMÁRIO |

Guerra com os Estados Unidos.....	5
O eclipse.....	6
Dispneia.....	7
Servente de pedreiro.....	7
A trincheira.....	8
Receber do bispo.....	9
O racionamento.....	9
É um assalto!.....	10
Bem e malcasados.....	11
Diálogo macabro.....	12
Pajem de cachorro.....	13
As banhistas e o falso jacaré.....	14
O canoeiro.....	15
O taxista e o carteiro.....	17
O artesão.....	18
O viajante e o temporal.....	19
Com o motorista de táxi.....	20
O grampiarista.....	20
Vendedor de coco.....	21
Enólogo sertanejo.....	22
Galos de briga.....	22
No consultório médico.....	23
Colher de sopa.....	24
É areia! É água!.....	25
Falta de lugar.....	26
Mal do cigarro.....	27
Congestão.....	28
Os canarinhos.....	28
O cachimbo do pescador.....	30
Pacto de morte.....	32
Os penetas do CCC.....	32
Filho precoce.....	34
No boteco.....	34
Exigências patronais.....	35

Muriçocas .....	36
Quantas férias por ano? .....	37
Caipira no concerto .....	38
Chope pela primeira vez .....	40
O veneno .....	41
O vaso sanitário .....	41
Vendedor de melancias .....	42
Caminhão infrator .....	43
Quebra-mola .....	44
O latifúndio .....	44
Mula queimada .....	45
Júri cavalariço .....	46
Carta a Jesus .....	47
Fatura na oficina .....	47
Culpado livre .....	49
Retratos de família .....	50
Peixe na telha .....	50
Rancolho .....	51
Onde ficam essas terras? .....	51
Aprendendo com os mineiros .....	52
Passageiros de jardineira .....	53
Testemunhas de Jeová .....	54
O tamanho do cheque .....	55
Termômetro colorido .....	56
O futuro venturoso do filho morto .....	57
Sestro .....	58
Licença de pesca .....	59
Trampolim .....	60
O gato subiu no telhado .....	62
Covardia cachorrão .....	63
Parar de beber mais .....	64
Futebol no céu .....	65
Criação de porcos .....	66
O suicídio .....	68
A viúva .....	69
Definição de casamento .....	70

## Guerra com os Estados Unidos

Felizardo achava que todas as pessoas eram mais inteligentes do que ele e, sempre que via uma rodinha, acercava-se dela e ficava de ouvidos atentos, vendo se aprendia alguma coisa. Conforme a situação, chegava inclusive a dar palpites, uns infelizes e outros até bons, às vezes geniais. Numa dessas rodas, havia um homem falante, “salvador da Pátria”, dando dicas para salvar o Brasil, acabar com a fome do povo e moralizar a política. Vaticinou:

— O que precisa pra melhorar o Brasil é declarar guerra aos Estados Unidos. Aí eles ganham e vêm pra cá, tomam conta de tudo e soltam os dólares pra valer! O que vai circular é o puro dólar e tudo vai melhorar. A solução é esta: afrontar os Estados Unidos, perder a guerra e substituir o real pelo dólar. Aí o Brasil vai ficar salvo!

Depois de muitos outros palpites da “saparia” circunstante, Felizardo arriscou o seu palpitezinho, aliás, a sua “abalizada opinião”:

- Ô moço, escuta aqui. A coisa não é fácil desse jeito, não!
- Não é fácil, por quê?
- Uai, e se *nós ganhar* a guerra?





## O eclipse

A cidade estava entusiasmada, aguardando o badalado eclipse anunciado no rádio, na televisão, nos jornais e bastante recomendado pelos professores aos alunos.

Pedrinho, um dos filhos de Felizardo, garoto duns dez anos, frequentava a escola e estava ansioso para ver o eclipse. Mas, à noite, o pai não gostava que os filhos saíssem de casa; dizia ser perigoso demais da conta. Apesar de a corrutela<sup>1</sup> ser tranquila, ele ainda acreditava em assombração, em entes místicos, no lobisomem e na mula sem cabeça. Enfiava essas crendices na cabeça dos filhos, assustando-os muito. Ignorava o que fosse um eclipse, achando, de certo, tratar-se de mais um ente místico.

Então, o Pedrinho, na hora marcada pela professora, da aparição do fenômeno celeste, pediu ao pai:

— Paiê! Eu posso ir lá fora pra ver o eclipse? A professora mandou a gente ver.

— Vai, filho. Pode ir. Mas não chega muito perto, não. Cuidado!

<sup>1</sup> De acordo com o dicionário, corrutela é um “pequeno arraial formado por garimpeiros na entrada das terras virgens aonde vão à procura de diamantes”.

## Dispneia

A mulher do Felizardo sofre de uma doença muito chique chamada dispneia. Veja só a chiqueza do nome: dispneia, que nada mais é do que falta de ar que a pessoa sente.

Um dia ele chegou da roça e a mulher estava passando muito mal, mas ela não sabia explicar, muito menos ele sabia o que era, pois nunca a vira assim. Então, a vizinha — que sempre a gente tem uma vizinha ou um vizinho pra servir pra muitas necessidades, além de pedir emprestado algumas coisas urgentes, como até fósforo para acender o fogo de manhã — falou que a mulher estava com falta de ar e que era preciso levá-la à cidade.

Muito solícito, Felizardo pegou a égua no piquete e colocou-a na carroça, uma carroça muito boa que ele possuía, inclusive com as rodas de pneus, muito mais rápida, que estava sempre calibrando na borracharia. E foi pra lá, para a borracharia, que ele levou a esposa, querendo saber, receoso, em que lugar o borracheiro iria colocar o bico pra pôr ar na Malvina. Mas levou uma bruta bronca do borracheiro, que lhe chamou de burro, mandando-o procurar um hospital.

## Servente de pedreiro

Felizardo, depois de vir inúmeras vezes a Goiânia, acabou mudando-se para cá, e se deu muito melhor aqui do que na roça. Aliás, disse que iria fazer uma experiência e que, se ela não desse certo, ele voltaria. Conseguiu emprego de servente de pedreiro, e todos do serviço gostaram muito dele, bem aplicado no trabalho e de prosa boa, diferente, com suas tiradas ingênuas, umas, e outras nem tanto. Era uma companhia construtora que estava arrematando operários para levar à África, para uma grande obra com operários exclusivamente brasileiros.

Felizardo se despediu da família, iria ganhar uns bons cobs e voltaria arrumado, bom para ele e para os seus. A sua área de serviço era a de concretagem, misturando areia e cimento.

Assim que o avião sobrevoou uma parte da África, sofreu uma pane e teve de realizar um pouso forçado em pleno deserto. Mas a operação foi tão normal que os operários não souberam do problema.

Quando Felizardo desceu e avistou aquele mundão de areia, achou que o ambiente de trabalho, o canteiro das obras, era ali, e perguntou ao encarregado:

— Se mal pergunto, *adonde* que a companhia vai arrumar cimento pra misturar com esse mundão de areia?



## A trincheira

Felizardo, na África, emplacado na companhia construtora, ficou incumbido de furar um buraco, a mando do feitor. Era um buraco grande, um enorme buraco! A verdade é que aquilo era, propriamente, uma trincheira, que alguns africanos costumavam atacar estrangeiros, mesmo os operários, tendo-os como intrusos. Felizardo, vendo-se rebaixado, como furador de buraco, reclamou:

— Mas eu não sou da misturação de cimento com areia e brita? Ou eu sou soldado?

— O caso, seu Felizardo, é que os nossos funcionários aqui são pau pra toda obra. Em tempo de guerra todo mundo faz de um tudo. Não há escolha.

Quando o buraco, ou melhor, a trincheira ficou aberta, toda pronta, o colega de escavação de Felizardo perguntou:

— E agora, Felizardo, a gente tem que esconder este montão de terra, se não os africanos vão saber que nós tamos escondidos aqui dentro e acabam com a vida da gente.

Felizardo entrou com a sua sapiência, agora, bem ingênuo mesmo!

— Uai, o recurso é *nós cavar* outro buracão, outra trincheira igual dessa daí, e esconder a terra lá dentro...